

GENIUS LOCI
LUGARES E SIGNIFICADOS
PLACES AND MEANINGS

COORD.
LÚCIA ROSAS
ANA CRISTINA SOUSA
HUGO BARREIRA

VOLUME 2

Título: *Genius Loci: lugares e significados | places and meanings – volume 2*

Coordenação: Lúcia Rosas; Ana Cristina Sousa; Hugo Barreira

Fotografia da capa: *Figura antropomórfica oculada* – Regato das Bouças, Serra de Passos, St.ª Comba, Portugal.

Adaptado por Marzia Bruno e Fuselog.

Design gráfico: Helena Lobo | www.hldesign.pt

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

ISBN: 978-989-8351-843-5

Depósito Legal: 434992/17

Paginação, impressão e acabamento: Sersilito-Empresa Gráfica, Lda. | www.sersilito.pt

Porto

Dezembro 2017

Os textos e as imagens utilizadas são da inteira responsabilidade dos autores.

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

ROMANE VS ROMANESQUE. A INVENÇÃO DE UMA NOMENCLATURA

MARIA LEONOR BOTELHO*

Resumo: Partindo do pressuposto de que só o conhecimento da evolução das ideias sobre um conceito estilístico nos permite compreender na sua totalidade o pensamento que dele se tem, procura esta comunicação debater o momento da *invenção/adequação/adaptação* do termo *românico* à escala internacional. A historiografia tradicional sobre a matéria tem-se centrado exclusivamente sobre o papel que a França desempenhou neste contexto, imputando a C. Gerville (1769-1853) a criação do termo *romane* (1818). Assim, apoiando o nosso discurso na obra científica de dois autores – Tina W. Bizzaro (1992) e J. Nayrolles (2005) –, iremos acentuar a afirmação (e aceitação) da anterioridade de W. Gunn (1750-1841) na invenção do termo *romanesque* (1813). Reconhecendo a importância deste debate historiográfico, pretendemos assim debater as diferentes perspetivas que contribuíram significativamente para a criação de uma rutura historiográfica pelo reconhecimento das especificidades do românico nas suas diversas dimensões.

Palavras-chave: Românico; Charles Gerville; William Gunn; Historiografia.

Abstract: Assuming that only the knowledge of the evolution of ideas about a stylistic concept allows us to understand entirely the thought about it, this communication aims to discuss the time of the invention/adaptation the thought that it has, this communication seeks to discuss the moment of the invention/adaptation of the *romanesque* term internationally. The traditional historiography on the subject has been focused exclusively on the role that France played in this context, by imputing C. Gerville (1769-1853) the creation of the term *romane* (1818). Thus supporting our discourse in the scientific work of two authors – Tina W. Bizzaro (1992) and J. Nayrolles (2005) – we will highlight the claim (and acceptance) the novelty of W. Gunn (1750-1841) in the invention *romanesque* word (1813). Recognizing the importance of this historiographical debate, we intend to discuss the different perspectives that have contributed substantially to the creation of a historiographical rupture by recognizing the specificities of the *romanesque* in its different dimensions.

Keywords: *Romanesque*; Charles Gerville; William Gunn; Historiography.

* FLUP / DCTP / CITCEM. mlbotelho@letras.up.pt.

INTRODUÇÃO¹

A designação atribuída a um dado estilo exerce uma profunda influência sobre a interpretação que dele se faz², mas também sobre a forma e aspetos que geralmente são mais estudados³, exigindo um distanciamento crítico, histórico e psicológico na sua abordagem, influenciando assim o seu subsequente entendimento⁴.

Apesar da relatividade associada ao seu significado, os termos estilísticos acabam por se converter em barómetros úteis na definição da história das ideias, embora exijam constantes reavaliações⁵. Convém não esquecer que as diferentes designações estilísticas, que normalmente utilizamos sem a consciência das suas particularidades dialetais, têm a sua própria história e que esta não corresponde à história dos fenómenos que os termos designam⁶. Partimos, assim, do pressuposto que só o conhecimento da evolução das ideias sobre um conceito estilístico nos permite compreender na sua totalidade o entendimento que dele se tem. Assim, procura este artigo debater o momento da *invenção/adaptação* do termo *românico* à escala internacional.

ROMANE VS ROMANESQUE

«A Arte românica está na moda. Desde há algumas décadas»⁷. Barral I Altet considera que a historiografia do românico evoluiu muito pouco desde o século XIX, sendo que atualmente ainda estamos muito dependentes das conquistas feitas pelos eruditos e estudiosos de oitocentos⁸. Apenas a historiografia mais recente sobre a matéria (embora ainda muito pouco divulgada), denota uma preocupação com a identificação de uma primeira consciência sobre a existência do românico enquanto estilo medieval diferenciado do gótico e consequente apelação do mesmo enquanto tal. O carácter internacional deste debate, e até certo ponto também ele igualmente nacionalista, deve ser aqui ressaltado, apesar da existência de poucas obras que explorem esta matéria.

¹ O presente artigo foi extraído e adaptado de um capítulo, mais extenso e crítico, que publicámos *In* BOTELHO, 2013: 13-142.

² BIZARRO, 1992: 1.

³ O'KEEFE, 2007: 28.

⁴ BIZZARRO, 1992: 1.

⁵ BIZZARRO, 1992: 160.

⁶ KARGE, 2009: 165.

⁷ BARRAL I ALTET, 2006: 9.

⁸ BARRAL I ALTET, 2006: 31.

No entanto, e embora a historiografia internacional faça breve menção ao contributo que os antiquários ingleses tiveram ao nível da salvaguarda dos testemunhos artísticos medievais, pudemos verificar que este não tem sido, de um modo geral, compreendido na sua totalidade. Orientando-se para um estudo consciencioso da arte medieval, para uma necessidade de classificação da mesma e, por fim, para uma invenção de uma terminologia específica para designar o estilo em questão, o contributo inglês acabou por se materializar numa antecipação em cinco anos à “invenção” francesa.

Através do estudo das obras de Tina Waldeier Bizzarro e de Jean Nayrolles, tivemos contacto com todo um conjunto de novidades historiográficas que cremos serem de suma importância sistematizar.

Tina Waldeier Bizzarro apresenta-nos no seu livro, «Romanesque Architectural Criticism. A Prehistory», uma proposta que consideramos fundamental. Embora tenha sido publicado em 1992, estranhámos o desconhecimento desta obra manifestado pela historiografia portuguesa, mas também pela europeia. As suas ideias são extremamente pertinentes pois, além de inovadoras no que toca à definição de prioridades ao nível da criação da terminologia estilística, surgem também rigorosamente documentadas e debatidas com um apurado sentido crítico. Se, de um modo geral, as obras dedicadas à historiografia do românico, nos seus mais diversos níveis, nos apresentam o termo românico como sendo uma “invenção” de Charles de Gerville (1769-1853), Bizzarro vai mais longe ao atribuir essa mesma “invenção” a um autor britânico, William Gunn (1750-1841), que terá antecedido Gerville em poucos anos. Mais, a mesma autora vai procurar delinear as raízes de um quadro mental que preparou a dita “invenção”, orientando deliberadamente a sua abordagem para o estudo do período a que chamou de “pré-história” do românico, ou seja, os séculos preparatórios de toda uma mentalidade (essencialmente entre o século XVII e XVIII) e que irão conduzir à salvaguarda do românico aos mais diversos níveis.

Por seu turno, Jean Nayrolles apresenta-nos uma obra que intitula de «L’Invention de l’art Roman à l’Époque Moderne (XVIII^e-XIX^e Siècles)» (2005). Assim, naquilo que poderíamos arriscar a definir como sendo uma resposta (in)directa ao estudo de Tina W. Bizzarro, este autor afirma a preponderância da historiografia francesa, não só no que toca à anterioridade na «invenção» de uma terminologia específica, como também relativamente ao debate e abordagem das problemáticas em torno do românico francês. E muito embora Nayrolles aborde o papel precoce que os antiquários e eruditos ingleses foram tendo ao nível da consciencialização e estudo do românico, fá-lo como que se tratando de um simples paralelo. Reconhece o contributo de William Gunn, muito embora não o assuma como sendo anterior ao de Gerville.

A INVENÇÃO DE UMA NOMENCLATURA

A tese tradicionalmente aceite pela historiografia da especialidade, no que toca à génese da designação *românico*, é a de que esta terá sido primeiramente inventada por Gerville. Assim, na correspondência trocada com o também normando, Auguste Le Prévost (1787-1859), Gerville assume a invenção do termo *romane* a 18 de Set. de 1818⁹:

Je vous ai quelque fois parlé d'architecture romane. C'est un mot de ma façon qui me paroit heureusement inventé pour remplacer les noms insignifiants de saxone et de normande. Tout le monde convient que cette architecture lourde et grossière est l'opus romanum dénaturé ou l'accessivement dégradé par nos rudes ancêtres. Alors aussi de la langue latine également atrophiée se faisait cette langue romane dont l'origine et les dégradations ont tant d'analogie avec l'origine et les progrès de l'architecture. Dites-moi donc je vous prie que mon nom romane est heureusement trouvé¹⁰.

Embora longa, cremos que esta citação seja da maior pertinência, para poder-mos compreender, na sua plenitude, o alcance desta “invenção”. Estamos a 18 de Set. de 1818 e Gerville vangloria-se de ter criado o termo *romane*, ciente que estava da inadequação da terminologia até então utilizada¹¹.

Todavia, no mesmo conjunto de cartas, Gerville também terá usado o termo *saxon* para designar igualmente a arquitetura que na Normandia terá sido construída durante os séculos X e XI. Tina W. Bizzarro deteta uma certa ambiguidade e uma instabilidade terminológica associada ao seu pensamento que, como defende ainda, tinha conhecimento da anterior designação de *romanesque* da autoria de William Gunn, apresentada na sua obra intitulada «An Inquiry into the Origin and Influence of Gothic Architecture» (1819).

Embora tenha sido apenas publicado um ano depois da suposta invenção de Gerville, o prefácio de W. Gunn data de 23 de Out. de 1813¹², o que nos aponta claramente o momento da conclusão da redação do manuscrito para publicação e o tempo que este terá aguardado no prelo¹³. Mais, Bizzarro cita todo um conjunto de fontes documentais inéditas que comprovam que já em 1811 o estudo de Gunn estaria completo¹⁴.

⁹ BIZZARRO, 1992: 143.

¹⁰ GERVILLE, C. de – Lettre à Le Prévost, 18 Septembre, 1818. Cabinet des Manuscrits, Bibliothèque Nationale, Paris *apud*. BIZZARRO, 1992: 207, 44.

¹¹ RECHT, 1998: 114.

¹² GUNN, 1819: IV.

¹³ BIZZARRO, 1992: 135-136.

¹⁴ BIZZARRO, 1992: 204, 13.

Simultaneamente, Bizzarro lembra-nos a intensa relação que então havia entre os antiquários ingleses e a introdução do termo *romane* em França. Gerville emigrou para Inglaterra em 1793 com o claro intuito de fugir ao terror da Revolução, tendo aí permanecido até 1801¹⁵. Tendo vivido perto de Norfolk, contactou não só com a arquitetura românica da região, como também com o abundante número de antiquários ingleses aí sediados. Conforme nos informa Nayrolles, a Biblioteca particular de Gerville deveria ser muito pobre em matéria de livros de arqueologia medieval, tendo sido durante a sua estadia em Inglaterra que consultou diversas obras, a partir dos quais tirou diversas notas, como veremos¹⁶. Mais, na correspondência deste autor surgem diversas referências à bibliografia britânica, da qual Gerville tinha um conhecimento direto¹⁷.

Regressado à Normandia, Gerville trouxe já consigo uma importante cultura arqueológica, passando a interessar-se pela arquitetura medieval. Numa carta dirigida a Le Prévost (a 15 Jan. de 1818), Gerville assume a necessidade de vir a estabelecer contactos com estudiosos ingleses, ciente do atraso verificado pela historiografia francesa sobre arquitetura medieval e, simultaneamente, da superioridade inglesa na matéria, particularmente no que toca ao desenvolvimento de vocabulário arquitetónico, ao volume de trabalho já editado, assim como quanto à frequência e qualidade dos estudos publicados, examinando, medindo e ilustrando a arquitetura medieval¹⁸.

Nayrolles pôde contactar com o espólio de Gerville que se encontra nos Archives Départementales de la Manche¹⁹, composto por um conjunto de anotações que incluem, além de diversos extratos da «Encyclopaedia Londinensis, notas copiadas do estado das paróquias de Coutances»²⁰. À margem da transcrição do manuscrito, Gerville apontou sucintas descrições dos monumentos referidos, algumas das quais simplificadas a poucas palavras, procurando identificar antes do mais a sua forma característica. Todas datadas, estas notas permitem traçar o trajeto e o calendário das excursões feitas pelo arqueólogo normando no departamento da Mancha, entre 1817 e 1821. Ora, foi precisamente esta procura do paradigma estilístico que conduziu Gerville à rejeição das noções *saxon* e *normand* ao longo do ano de 1818 e,

¹⁵ BIZZARRO, 1992: 136.

¹⁶ NAYROLLES, 2005: 82.

¹⁷ NAYROLLES, 2005: 81-82.

¹⁸ BIZZARRO, 1992: 136-137.

¹⁹ NAYROLLES, 2005: 84. Cf. Url: <http://archives.manche.fr/>.

²⁰ Coutances é uma comuna francesa na região administrativa da Baixa-Normandia, no Departamento da Mancha. Estas notas resultam de uma cópia de um manuscrito datado de 1666 no qual a então administração eclesiástica tomou por base as atas medievais de 1260. Este documento foi completado em 1730.

consequentemente, à necessidade de estabelecer uma denominação única e mais justa para designar um só e mesmo estilo²¹.

O “manuscrito de Saint-Lô”, além de confirmar uma grande atividade arqueológica feita em centenas de edifícios da Mancha, tem um interesse acrescido pois contém uma reflexão que nos explica o momento crucial da criação do termo *architecture romane*. Apesar de não datadas, surgem duas anotações que Nayrolles data do Verão de 1818, tendo em conta todo o percurso vivido por Gerville e o facto da palavra *romane* surgir “publicamente” pela primeira vez a 18 de Set. desse ano²².

Gerville começa por reconhecer que as designações que têm sido geralmente empregues pelos estudiosos da matéria não se adequam, tendo em conta o seu carácter restritivo, para identificar o estilo arquitetónico em causa.

Architecture saxonne, normande, Opus romanum. – Je ne sais quel nom donner a cette architecture arrondie, écrasée, antérieure à l’ogive. Je sais que le nom Romane ne convient pas mal à cette architecture qui est à l’architecture Romaine ce que la langue Romane est à la langue Latine. Cette comparaison de dégradation pourrait être poussée assez loin.

*(...) Architecture romane. – Le mot me semble assez heureusement trouvé pour exprimer ce que les Anglais appellent Saxon et Anglo-Normand. Ces deux dénominations à peine suffisantes en Angleterre deviennent inintelligibles en France...*²³.

Gerville procurou então justificar o porquê da sua escolha sobre a palavra *romane*.

*Le nom de romane aurait plus d’ensemble pour indiquer l’origine et la dégradation de l’art chez les diverses nations. Il y aurais assez d’analogie avec la signification de langue romane pour autoriser l’application de la même dénomination à l’architecture*²⁴.

São, pois, de natureza variada os argumentos avançados por Gerville em favor da expressão *architecture romane*. Além do já referido carácter restritivo dos vocábulos *saxon*, *normand* ou *anglo-normand*, que considera apenas aplicáveis à realidade britânica, exalta o carácter “universal” da designação *romane*, indicador de uma origem comum de uma arquitetura que se afirma pan-europeia. Essa origem comum é, assim, romana. Inaugura-se deste modo a ideia da arquitetura românica como se de um grupo consistente se tratasse, resultado de um contexto histórico específico, e que se reflete em alguns elementos devidamente identificados como de origem romana²⁵.

²¹ Também Nayrolles reconhece, por parte de Gerville, o emprego indiferenciado desta terminologia até esta data (NAYROLLES, 2005: 85).

²² NAYROLLES, 2005: 86.

²³ SAINT-LÔ, Archives départementales de la Manche, 125-J4, 338-339 *apud*. NAYROLLES, 2005: 85.

²⁴ *Idem*.

²⁵ O’KEEFFE, 2007: 13.

Por fim vem a garantia facultada pelo paralelismo entre a história da arquitetura com a evolução das línguas. É muito importante termos presente que a teoria das línguas medievais que Gerville poderia conhecer em 1818 era a de François Raynouard (1761-1836), publicada dois anos antes²⁶. Este filólogo consagrou uma série de obras à formação e à gramática de um idioma que conhece como *roman* – e que é de facto o provençal –, e no qual viu um tronco comum que, por volta do século XI, iria desenvolver-se num certo número de línguas vernaculares. Durante séculos terá existido uma língua única, cujos traços apenas persistem na literatura trovadoresca (o *langue d'oc*), mas que foi falada por uma grande parte do Ocidente, em tempos romanizado, antes de se transformar em diversos idiomas (francês, catalão, toscano, etc). Neste sentido, o românico constituiu uma forma intermediária entre o latim vulgar e as línguas neolatinas modernas²⁷.

Como se pode aferir, esta tese veio a mostrar-se bastante favorável às ideias de Gerville, tanto mais que este comparou a arquitetura românica com uma forma de latim degenerado, desenvolvido ao longo de seis séculos. Assim, a adoção do termo *romane* está intimamente associado ao conceito linguístico que se tinha durante a década de 1810.

Pouco tempo depois, a 18 de Dezembro do mesmo ano, Gerville explica os seus argumentos a Prévost. Acreditando ter tocado na questão crucial da ciência arqueológica – a terminologia – Gerville é então seduzido pela missão que passa a abraçar, a reforma do léxico dos historiadores de arte.

Assim, o vocábulo adaptado por Gerville procura, entre outros aspetos, aludir à origem comum deste estilo Europeu e que se encontra em Roma. Todavia, Bizzarro valoriza a anterioridade inglesa na identificação desta relação entre o românico e a arquitetura da Roma Antiga, que vai estar também ela na origem etimológica da palavra *romanesque*. Conforme nos informa a autora americana, W. Gunn manteve sempre uma estreita relação com John Flaxman, tendo com este escultor partilhado do contacto direto com Roma, onde vieram a estudar a gloriosa arquitetura e história imperial²⁸. A correspondência trocada por ambos não só está repleta de italianismos, como também acusa uma preocupação: a da procura da relação entre Inglaterra e a Roma Clássica, ao nível cultural e arquitetónico. Gunn reconheceu a hegemonia cultural romana e assumiu o arco de volta perfeita como sendo o seu ícone arquitetónico.

Estudando a arquitetura que tinham por vernacular, ou seja, a arquitetura medieval, os eruditos ingleses dos séculos XVII e XVIII haviam já identificado

²⁶ RAYOUNARD, 1884.

²⁷ NAYROLLES, 2005: 168.

²⁸ BIZZARRO, 1992: 139.

visualmente a sua descendência face às formas romanas. E foi precisamente esta ligação formal entre o medieval e o romano que forneceu a Gunn a base para nomear a arquitetura românica logo no início de 1800 de *romanesque*²⁹.

O próprio William Gunn justificou a origem da palavra *romanesque*³⁰:

From the utter inability to adopt a term sufficiently expressive, I feel myself under the necessity of modifying one for my purpose. The Italian termination esco, the English and French esque, is occasionally allowable, thus we say, pittoresco, picturesque, and picturesque, as partaking of the quality to which refers. A modern Roman, for instance, of whatever degree, calls himself a Romano, a distinction he disallows to an inhabitant of his native city, whom though long domiciliated [sic], yet from dubious origin, foreign extraction or alliance, he stigmatizes by the term Romanesco. I consider the architecture under discussion in the same point of view.

Assim, de acordo com a justificação dada por Gunn, a opção por este nome para designar a arquitetura em questão teve em conta a sua distância geográfica de Roma e o seu consequente desvio formal relativamente à arquitetura clássica. Ao juntar o sufixo *-esque* à palavra *Roman*, Gunn criou uma palavra com evidentes implicações geográficas e estilísticas³¹. Assim, *romanesque* caracterizava um elemento associado a Roma, de origem estrangeira, mas que jamais seria inteiramente tido como sendo Romano de origem³². Também aqui estamos mais diante de uma “adaptação” do que de uma “invenção”, fruto da identificação de uma arquitetura como “romanescas” pois, não sendo romana, partilha com esta qualidades que a tornam como que sua “familiar”³³.

ROMANE VS ROMANESQUE. UMA QUESTÃO DE NOMENCLATURA?

Tina Waldeier Bizzarro procurou identificar as razões porque Gerville não se apropriou diretamente do termo *romanesque* que, como acredita, já conheceria antes de 1818. Todavia, o significado deste termo em francês era outro, associado

²⁹ BIZZARRO, 1992: 141.

³⁰ GUNN, 1819: 6-7 *apud*. BIZZARRO, 1992: 142.

³¹ BIZZARRO, 1992: 142.

³² RECHT, 1998: 115.

³³ Também em espanhol, o adjetivo *romanesco*, apesar de pouco usado, designa aquilo que pertence ou é relativo aos romanos ou às suas artes e costumes. A nomenclatura que prevaleceu neste país ibérico foi a de *románico*, derivada diretamente do francês *romane*. Ao termo *romano* foi acrescentado o sufixo *-ico* e que permitiu completar a sucessão da cadeia artística *clássico-románico-gótico*. Cfr. GUARDIA DE LA MORA, 2007.

antes aos *romans* ou romances de maravilhosas aventuras³⁴. Assim, segundo esta autora, Gerville foi obrigado a modificar a designação inglesa *romanesque*, para assim se afastar de uma tão forte conotação literária, filiando-se antes numa aproximação mais linguística.

A pujança da historiografia inglesa funcionou simultaneamente como meio de competitividade entre os eruditos franceses, tanto mais que se vivia já um período de intenso orgulho e competição nacionais. Assim se poderá justificar o desejo de estabelecer um termo francês sem qualquer precedência inglesa e a adoção do termo *romane* por parte de Gerville, com a sua implícita analogia com a evolução das línguas românicas a partir do latim. O termo *romane* foi, deste modo, transformado num adjetivo descritivo de um estilo arquitetónico, numa evidente recusa em utilizar o termo *romanesque*, pois aparentemente não evocava a relação com Roma (ou com a latinidade?) que Gerville desejava exaltar. Se Gunn procurou estabelecer com a capital do Império Romano uma ligação territorial, minimizando uma distância geográfica, já Gerville pretendeu antes apelar a uma origem comum para um estilo que, um pouco por toda a Europa, foi beber a uma mesma e única fonte, a arquitetura clássica de Roma.

Embora estes dois vocábulos – *romane* e *romanesque* – procurem designar um mesmo período da História da Arte, apresentando talvez uma mesma origem etimológica, a sua diferença não reside apenas no facto de um ser de origem inglesa e o outro de origem francesa. Como vimos, o termo *romanesque* tem na sua origem uma maior preponderância da conotação geográfica e estilística, enquanto que o termo *romane* procurou acentuar uma analogia com a sua congénere linguística³⁵. São, pois, distintas as razões que levaram estes autores a “inventar”/“adaptar” cada uma destas designações, muito embora ambos concordassem no princípio da relação do românico com a Antiguidade (embora esta relação assumia contornos distintos), no entendimento das suas origens e ao nível das principais características do estilo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Romane e *Romanesque*. Duas designações para um mesmo estilo arquitetónico estavam lançadas e iriam começar a criar raízes. Estas expressões, cuja aceitação

³⁴ BIZZARRO, 1992: 143.

³⁵ Refira-se aqui o constante emprego que a disciplina da História da Arte faz, embora com natural acento metafórico, de expressões derivadas da ciência linguística, de que são exemplo “linguagem”, “sintaxe”, “gramática” ou “dialecto”. Cfr. RECHT, 1998: 146. A estas expressões podemos ainda acrescentar o facto de que *lemos* edifícios e de que recorremos ao sistema alfabético (A e B) para descrever o ritmo dos pilares e das colunas. Cfr. O'KEEFE, 2007: 101.

foi variando de autor para autor, acabaram por se afirmar no panorama das historiografias francesa e inglesa do românico. E, por inerência, também se afirmaram ao nível das restantes línguas europeias que acabaram por adotar uma tradução destes mesmos termos, conforme mais latinas ou mais germânicas³⁶.

Todavia, notamos uma preponderância dada à designação francesa³⁷, fruto da superioridade e da anterioridade tão firmada e divulgada pela sua historiografia sobre a matéria. Recorde-se que a designação *românico* é constantemente referida como sendo da autoria de Gerville sendo que, até à data, foi a custo que fomos encontrando qualquer referência à terminologia de Gunn em bibliografia da especialidade, quer de divulgação, quer de carácter mais técnico e específico.

Contudo, o auxílio prestado por Caumont, a partir de 1824 (data em que este termo foi pela primeira vez utilizado numa publicação), na adoção do termo *romane* foi fundamental para que toda uma geração de estudiosos franceses viesse a definir (e a redefinir) o seu significado, clamando-o como criação basilarmente francesa. *Roman* e *francês* passaram quase a ser sinónimos³⁸, tal como gótico e *opus francigenum*...

BIBLIOGRAFIA

- BARRAL I ALTET, Xavier (2006) – *Contre l'art roman? Essai sur un passé réinventé*. S.L.: Librairie Arthème Fayard.
- BIZZARRO, Tina Waldeier (1992) – *Romanesque Architectural Criticism. A Prehistory*. First Published. Cambridge: Cambridge University Press.
- BOTELHO, Maria Leonor (2013) – *A Historiografia da Arquitectura da Época Românica em Portugal (1870-2010)*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: FCG e FCT.
- GUARDIA DE LA MORA, José Enrique (2007) – *La palabra "románico. Etimología y semántica de un vocablo de origen y significado complejos"*. In COBREROS, Jaime, dir. – *ROMÁNICO. Revista de Arte de Amigos del Románico*. Número 4. San Sebastián: Amigos del Románico, p. 50-53.
- GUNN, William (1819) – *Na Inquiry Into the Origin and Influence of Gothic Architecture*. London: Richard and Arthur Taylor, Snoe-Lane.
- KARGE, Henrik (2009) – *De Santiago de Compostela a León: modelos de innovación en la arquitectura medieval española. Un intento historiográfico más allá de los conceptos de estilo*. In MARTÍNEZ DE

³⁶ *Romanisch* (alemão), *Romànic* (catalão), *Románský* (checo), *Romanike* (croata), *Romanske* (dinamarquês e esloveno), *Románsky* (eslovaco), *Románico* (espanhol), *Romaani* (estónia), *Romaaninen* (finlandês), *Romanesco* (galega), *Romanésg* (galesa), *Romaans* (holandês), *Román* (húngaro), *Rómhánúil* (irlandesa), *Romanico* (italiano), *Romānikas* (letão), *Romaninis* (lituano), *Romansk* (norueguês), *Romański* (polaco), *Romanic* (romeno), *Romanska* (sueco), *Romanesk* (turco). Cfr. <http://translito.com/pt/translators/>

³⁷ KARGE, 2009: 170.

³⁸ KARGE, 2009: 170.

- AGUIRRE, Javier & ORTIZ PRADAS, Daniel, *ed.* – *Cien Años de Investigación sobre Arquitectura Medieval Española. Anales de Historia del Arte. Volumen Extraordinario. Actas de las I Jornadas Complutenses de Arte Medieval – Seminário Internacional Complutense, Madrid (14-16 Noviembre de 2007)*. Madrid: Publicaciones Universidad Complutense de Madrid, p. 165-196.
- NAYROLLES, Jean (2005) – *L'Invention de L'art Roman à l'Époque Moderne (XVIII^e-XIX^e Siècles)*. Collection «Art & Societé». Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- O'KEEFFE, Tadhg (2007) – *Archaeology and Pan-European Romanesque*. Duckworth Debates in Archaeology. London: Duckworth Publishers.
- RAYOUNARD, François (1844) – *Lexique Romano ou Dictionnaire de la Langue des Troubadours, comparée avec les autres langues de l'Europe Latine*. Paris: Silvestre, 6 vols.
- RECHT, Roland (1998) – *Penser le Patrimoine. Mise en scènes et mise en ordre de l'art*. Paris: Éditions Hazan.

